



# Chiduca

## Um perdão

## que não é fácil

### EX-bandidos armados reintegrados em Inhambane

#### Efeitos visíveis da política de clemência

Texto de Joaquim Salvador Fotos de Kok Nam

Após a oferta do Governo moçambicano de amnistiar os bandidos armados que se entregassem voluntariamente, no início de 1984, o fluxo de bandidos a apresentarem-se com e sem armas e ainda os que, capturados durante tal período, se encontravam em poder das forças armadas, levou a que se pensasse na criação de centros especiais para os acolher. Em Inhambane, Chiduca é experiência pioneira a nível provincial e a sua prática sem dúvida meritória em todo o processo de reintegração social de ex-terroristas.

Sem cercas de arame farpado ou quaisquer outras barreiras físicas do género o Centro de Reintegração de Chiduca, formado a 8 de Abril de 1984, situa-se a cerca de 18 quilómetros da sede do distrito de Massinga.

Pioneiro deste género de centros, Chiduca responde à entrega voluntária de bandidos armados que no pós-Nkomati perderam as esperanças de poderem sobreviver a monte no género de vida nómada característico da desorganização dos terroristas, nesta fase.

No entanto, Chiduca não conta entre os seus 70 habitantes apenas os que se entregaram voluntariamente mas igualmente bandidos armados



*Chiduca — uma aldeia que nasce em consequência da política de clemência da sociedade moçambicana*

capturados em combates e que, tendo manifestado de forma convincente o seu arrependimento, podem igualmente beneficiar desta política de clemência do Partido Frelimo e do Governo da RPM.

Depois de Chiduca outros centros idênticos foram formados na província, contando-se em mais de 300 as pessoas reintegradas. Isto dá-nos uma ideia da dimensão da iniciativa e, se muitos outros se não entregam, o facto deve-se à campanha de desinformação a que os bandidos armados são sujeitos por parte dos seus chefes que os convencem de que serão mortos se se entregarem às forças armadas moçambicanas ou forem capturados.

Chiduca é, consequentemente, exemplo vivo desta política de clemência, característica da FRELIMO desde



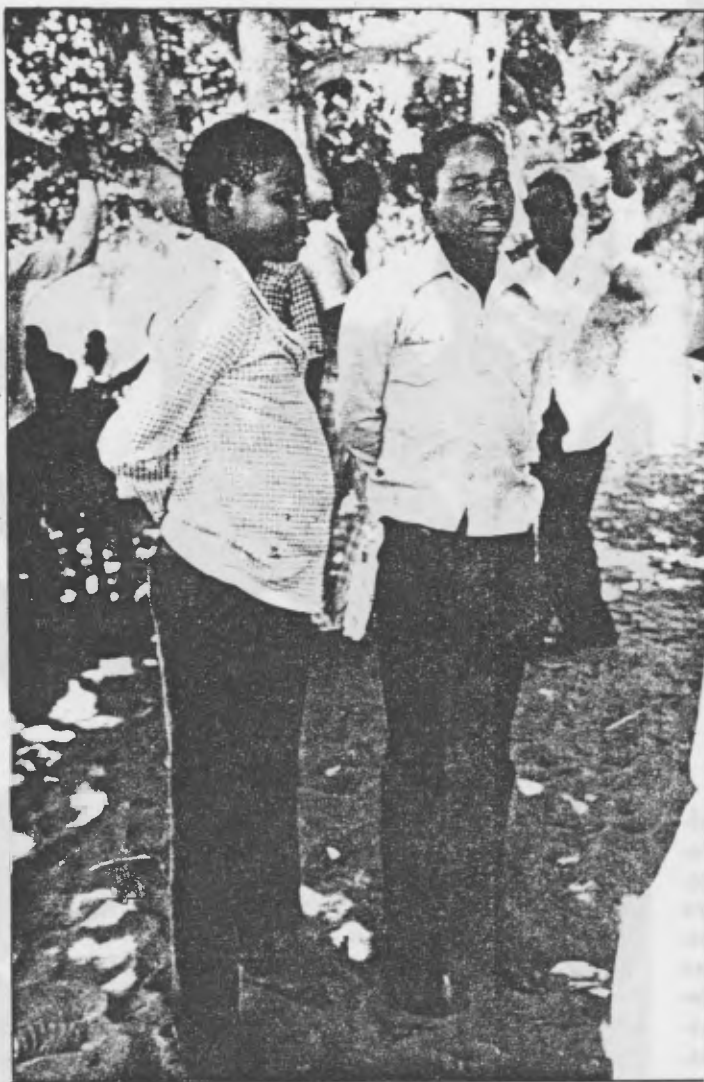
*Um jornal de parede permite àqueles que sabem ler indiciarem-se por si mesmos de como vai a sociedade que tentavam destruir*

os tempos da luta armada de libertação nacional e comprova a asserção de que um cidadão errado, criminoso como os que ali se encontram, pode ser reabilitado por forma a reintegrar-se novamente na sociedade moçambicana como seu membro de pleno direito.

Aliás, em Chiduca, não há grades,

não há arame farpado. Os ex-bandidos estão ali porque querem estar, consideram e aceitam a necessidade de demonstrarem a sua capacidade para se reinserirem na vida normal da sociedade moçambicana.

Somos camaradas, já não somos bandos armados, gritaram os habitantes de Chiduca interrogados a pro-



*O Artur e o Manuel, crianças que agora têm dose e treze anos de idade. Nem elas escapam a esse horror de uma guerra de que não compreendem o sentido*



*Abel Gilberto não sabe quantas pessoas matou mas destruiu 15 viaturas*

pósito pelo Major-General Domingos Fondo que ali se havia deslocado para se inteirar dos seus problemas. Esta afirmação comprova, assim, a sua ntade de virem a ser novamente cidadãos livres e conscientes da Nação moçambicana.

Embora a população das cercanias conviva desinibidamente com os reintegrados e tenha inclusivamente participado com ajuda em trabalho e materiais na edificação da aldeia, um problema se coloca aos antigos bandidos armados — a desproporção existente entre homens e mulheres, sendo estas apenas em número de dez.

O facto não obsta a que se tenham já consagrado duas uniões matrimoniais das quais resultaram o nascimento de duas crianças. Por outro lado, o convívio com as populações vizinhas não tem inibições de qualquer espécie desde que aceite por todas as partes e com a seriedade necessária.

Com arruamentos limpos, a aldeia dispõe de infra-estruturas construí-

das com materiais locais. Um posto de saúde com enfermeiro permanente e um monitor com a 6.ª classe que vem de Massinga apoiar as aulas de alfabetização permitem visualizar o cuidado com que as estruturas partidárias, militares e governamentais a nível provincial encaram Chiduca.

O Centro é dirigido por um comissário político das FPLM e embora não haja pilhas para o rádio existente, um jornal de parede (com o quotidiano «Notícias» afixado) permite suprir as necessidades de informação que os antigos bandoleiros possavam ter.

Conquanto apoiados de início, os reintegrados devem contar com a sua própria capacidade de produção para subsistirem e não serem encarados como um corpo inútil e parasitário.

A venda de produtos da machamba, de hortícolas ou da criação animal, assim como a troca directa são encorajadas no caso da existência de excedentes o que parece ser o caso presente, já que existe actualmente

um fundo em dinheiro conseguido dessa forma no montante de cerca de 16 000,00 MT.

De momento, a aldeia dos reintegrados possui um aviário com 80 bicos, 3 suínos e oito cabritos, produzindo, por outro lado, na machamba milho, mandioca e feijão e na horta tomate e repolho.

## O «QUINZE» e OUTROS

Impressionante é o testemunho de Abel Gilberto, com idade aparente de 25 anos, que fugiu dos bandidos mas foi posteriormente capturado em Incoluane. Confessou ter destruído 15 viaturas, entre as quais 10 carros ou



*Em cima: O Feliciano e a Anita fugiram porque se apaixonaram...*

camiónes civis. Confessa-o com o espírito de quem não compreende em profundidade a dimensão dos seus actos.

Tendo saído de Homoine, sua terra natal, para Maputo à procura de emprego em 1981, foi aliciado no ano seguinte nas Mahotas com a promessa de ganhar 2500 meticais tendo participado em inúmeros ataques e desconhecendo o número de pessoas que matou.

Quando desertou da sua área de actuação entre Magude e Mapulanguene, sabia já que não seria morto porque na base onde estava se sabia da política de reintegração do governo através da escuta da rádio.

Indagado pela nossa reportagem sobre o que gostaria de fazer caso fosse considerado de novo como um cidadão normal disse-nos que *posso combater contra os bandidos*.

Outro caso singular é o de Feliciano Semente e Anita Niquice, de 19 e 18 anos, respectivamente, um dos casais a que nos havíamos referido anteriormente.

Ele havia sido raptado e obrigado a treinar como recruta. Nesta sua condição não tinha direito a ter esposa, já que as mulheres da base estavam reservadas para os chefes. Isto, segundo nos diz, influenciou a sua fuga com a Anita. Esta disse-nos que *«fugi porque me apaixonei»*...



*A primeira criança nascida em Chiduca tem quatro meses de idade e chama-se Sónia*

Casos pungentes são os de Artur e Manuel, de 12 e 13 anos respectivamente. O primeiro foi raptado quando tinha nove anos e, já em 1984, treinou durante algum tempo, não sabe quanto. Era estafeta do comandante e entregou-se *«porque lá não comia bem. Só comia farinha com matapa mas era mal confeccionada»*.

É assim Chiduca, um centro de reintegração onde encontramos desde um assassino que desconhece quan-

tas pessoas matou, até crianças envolvidas numa guerra suja que lhes é imposta sem a compreenderem, não faltando o toque romântico de uma fuga de amor.

Todas estas pessoas estão agora juntas nessa necessidade que é construir de novo uma vida que deixará as marcas desta guerra de terror mas que lhes oferece a oportunidade de apagarem o estigma vil de não terem escolhido o caminho certo. □